

**Felipe Rodrigo Caldas<sup>1</sup>,  
Maria Fernanda Mioranza  
dos Santos<sup>2</sup>, Caio Eduardo  
Kulkamp de Paula<sup>3</sup>**

# **A ranhura da alma cria a fenda do sufoco**

The slot of soul creates the slot of  
tightness

Une fente dans l'âme crée une  
fissure suffocante

## Resumo

O Ensaio visual referente a este resumo, constituído de oito fotografias, foi produzido durante a disciplina Projeto em Corpo Artístico do curso de Arte da Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO e apresenta a temática “O Corpo nas Ranhuras”. Após leituras de autores como David Le Breton em específico seu livro “A Sociologia do Corpo” (1992) onde são abordados assuntos que apresentam a corporeidade humana enquanto fator social, sendo o corpo uma realidade mutante, um fato do imaginário social, um elemento de ligação com a energia coletiva e espaço para expressão de ideias. A Teoria do “Corpomídia”(2002) de Helena Katz e Christine Greiner, que trata do saber corporal adquirido nas relações de troca estabelecidos com o espaço também fundamentaram conceitualmente a ação. A partir dos textos lidos com sua, foi proposto uma série de performances fotográficas que exploram as relações do corpo com o espaço.

**Palavras-chave:** Processos Criativos; Corpo; Fotografia.

---

<sup>1</sup> Mestre em Artes pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, especialista em Arte na Escola e graduado em Arte Educação pela Universidade Estadual do Centro-Oeste - UNICENTRO. Atua como professor de Arte pela Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Atualmente atua como docente no curso de Arte da Universidade Estadual do Centro-Oeste. Foca suas pesquisas em torno dos Estudos da Educação em Visualidades, Cultura Visual, Gênero. e das questões da Educação, Ensino da Arte, Currículo, Metodologias. É coordenador do Projeto de Extensão LIAV - Laboratório de Investigação em Artes Visuais Membro do Grupo de Pesquisa em Arte - Unicentro Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens, ARTEI - UEM.

<sup>2</sup> Graduada em Arte pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), extensionista no projeto: Grupo de Estudos em Teatro e Educação- GETED. Foca seus estudos nos imbricamentos entre Artes Visuais e Artes Cênicas, desenvolvendo a pesquisa “A Evolução do Grotesco” sobre a anatomia grotesca durante o renascimento, o corpo e o grotesco visto na atualidade, mais especificamente dentro do campo visual. Tem experiência na área de arte, dando ênfase nas Artes Cênicas, com maior produção em performances, coreografias, e peças teatrais.

<sup>3</sup> Artista Visual e Estudante. Professor formado no curso de Formação de Docentes (Magistério) pelo Colégio Estadual Professora Reni Correia Gamper - EMPN com enfoque nos anos iniciais e ensino fundamental I. Atualmente é acadêmico do curso de Arte na Universidade Estadual do Centro- Oeste - UNICENTRO, membro do grupo de Pesquisa em Artes, extensionista participante nos projetos: - Laboratório de investigação em Artes Visuais - LIAV e - Grupo de Estudos em Teatro e Educação - GETED na mesma instituição de ensino e extensionista bolsista Pibis no Projeto EPA! (Experimentações e Produções em Arte). Foca suas pesquisas em torno de questões da Cultura Visual, Gênero, Sexualidade, Cena Drag e Teoria Queer. Tem experiência na área de Arte, com ênfase em Artes Visuais com maior produção em colagem digital e Artes Plásticas como a gravura.

**Abstract**

The visual essay referring to this summary, consisting of eight photographs, was produced during the discipline Project in Artistic Body of the Art course at the State University of the Midwest - UNICENTRO and presents the theme "The Body in the Slots". After readings by authors such as David Le Breton in specific his book "The Sociology of the Body" (1992) where subjects that present the human corporeality as a social factor are approached, the body being a changing reality, a fact of the social imaginary, an element of connection with collective energy and space for expression of ideas. The "Corpomídia" Theory (2002) by Helena Katz and Christine Greiner, which deals with the bodily knowledge acquired in the exchange relations established with the space also conceptually grounded the action. From the texts read with his, a series of photographic performances was proposed that explore the relations of the body with space.

**Key-words:** Creative Processes; Body; Photography.

**Abstract**

L'essai visuel faisant référence à ce résumé, composé de huit photographies, a été produit dans le cadre du cours Projet de discipline dans le corps artistique de l'art à l'Université d'État du Midwest - UNICENTRO et présente le thème «Le corps dans les machines à sous». Après des lectures d'auteurs comme David Le Breton dans son livre «La sociologie du corps» (1992) où des sujets qui présentent la corporéité humaine comme facteur social sont abordés, le corps étant une réalité changeante, un fait de l'imaginaire social, un élément de connexion avec l'énergie collective et l'espace d'expression des idées. La théorie «Corpomídia» (2002) d'Helena Katz et Christine Greiner, qui traite des connaissances corporelles acquises dans les relations d'échange établies avec l'espace, a également fondé conceptuellement l'action. A partir des textes lus avec lui, une série de performances photographiques a été proposée pour explorer les relations du corps avec l'espace.

**Mots Clés:** Creative Processes; Body; Photography.

O corpo é cercado por aspectos simbólicos, em qualquer uma das linguagens artísticas ele fala, expressa por meio de movimentos, gestos, postura a subjetividade presente no indivíduo e até mesmo a forma de cobrir o corpo expressa significados socialmente instituídos.

Estudos sobre a sociologia do corpo, buscam compreender “a corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representação e imaginário”. (BRETON, 1992). Enfim compreender os sentidos e significados do corpo perpassa inúmeras discussões ao longo dos anos.

Antes de qualquer coisa, a existência é corporal, existimos porque somos/temos um corpo. Muito se discute em relação a esta indagação entre ser e estar num corpo. Existir é movimentar-se no meio, modificar este meio e ser modificado por ele. O corpo produz sentidos e, assim, insere o homem de forma ativa em determinado meio. É com o corpo e por meio do corpo que sentimos o mundo que habitamos, estabelecemos contato e somos capazes de modificar o meio. Sobre isso Breton comenta:

Os usos físicos do homem dependem de um conjunto de sistemas simbólicos. Do corpo nascem e se propagam as significações que fundamentam a existência individual e coletiva; ele é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator. Através do corpo, o homem apropria-se da substância de sua vida traduzindo-a para os outros, servindo-se dos sistemas simbólicos que compartilha com os membros da comunidade. (BRETON,1992 p.7)

Esses sistemas simbólicos descritos por Breton, em seu livro *A Sociologia do Corpo*, materializam-se por sistemas como a fala, nos gestos, na escrita, no desenho entre outros meios variados que o ser humano criou para produzir sua existência, esse simbolismo que Breton aborda está ligado a forma como estabelecemos relação com o outro e tornar o mundo mais humano, menos hostil e que se dá por meio das nossas relações enquanto indivíduos, com outros indivíduos e com o meio. Essa construção não se limita a nossa primeira formação, ela se modifica conforme nossas redes de relacionamento se modificam.

Apesar de nossas particularidades corporais, a expressão corporal é se adapta a sociedade a qual fazemos parte. As pessoas, a cultura, condições de clima e tempo servem para elucidar o grupo a qual pertencemos.

Essa teoria possui relação com o pensamento de Helena Katz e Christine Greiner em seu artigo *A Natureza Cultural do Corpo* (2002), as quais defendem uma teoria do corpomídia. Segundo essa teoria o corpo sempre está em um ambiente, e corpo e ambiente trocam informações. Segundo as autoras essa troca não segue a linha de dar e receber, mas transita pelo campo da contaminação. Assim sendo, o corpo se constitui um conjunto de informações trocadas. Essas informações trocadas interferem e contaminam o corpo.

São todas essas informações que habitam o corpo dos modelos que estão presentes nas imagens. As relações ou inserções do corpo presente neste trabalho com as ranhuras, refletem uma maneira de pensar e se inserir parte do mundo.

Esses conceitos explorados aparecem no texto poético e nas imagens produzidas.

## **A RANHURA DA ALMA CRIA A FENDA DO SUFOCO**

A liquidez que afoga a liberdade humana de sentir, ser e permanecermos vivos.

Nada aqui faz sentido, o mundo é só o preenchimento de alguma ranhura pelo universo. Fendas e mais fendas se recriam a cada instante. Na permanência da alma tudo é aberto, nas feridas que se esvaem a cada segundo, nunca se sabe por onde corre este sangue, tudo que jorra, tudo que brilha, tudo que flui.

O acaso se deixa escorrer pelo tronco, pela alma, pela vida. Nada somos senão mais uma das milhares e inconfundíveis ranhuras que nos cercam.

Representamos rupturas e falhas que nos mostram estar vivos, mesmo com o sufoco e o atrapalho do breu que nos agride. Nada somos e nada seremos.

As estrias que rasgam as pernas ao meio, no côncavo do risco que se corta, talha o chanfro em três quartos de madeira.

Nada pensa o ser humano, só se vive o que precisa. Os casulos que envolvem os cérebros e fazem arder do jeito mais profano que pode.

Tudo aqui foi pensado pela crítica, pela dor, e pelo amargo de ser quem se consegue ser, neste lugar as borboletas não têm asas, nunca tiveram cor, e o desfoque que desconforta, abre o buraco do olhar centrado.

Os nascimentos, as caras e as máscaras se propagam no século do vento, tudo é efêmero, menos o olhar parado que vaga nas lembranças dos trabalhos por fazer, do céu que se deve olhar, até que o dia acabe e a ranhura se feche com seu pescoço atado a ela.

Qual é o preço da hora? Qual a fenda que se cria até que outra consiga ser tão imensa quanto esta?

Nunca será respondido.

Será que o retilíneo, ou um segmento sem rasura, nos faria feliz?

Uma rotina programada, sem buracos no peito, sem abrir os braços, sem trançar as pernas.

Seria então uma corda bamba? Uma mesa prestes a cair no chão frio.

Fomos programados para as linhas paralelas, somos pontos no espaço ligeiramente se conectando uns aos outros até os fins dos tempos.

Tão sinuosos como as estradas, fizemos curvas e mostramos perigos. Nada dura tanto tempo, tudo aqui se quebra, tudo aqui se estraga.

Nada tão errado quanto ser um pedaço de carne que chora, respira, sangra, morre e apodrece. Não sabemos quem somos e muito menos para onde vamos, e é claro que o que se deixa aqui, não fica aqui.

E se fossemos imortais? Qual seria o desespero da vez?

O desejo é a morte, desejamos vorazmente morrer, precisamos da morte para que assim, surjam ranhuras menores, que se tornarão ranhuras infinitas repletas de átomos e poeira até que sejam varridas novamente para algum buraco dentre tantos buracos que formam o universo.

Somos então crateras que a gravidade conseguiu segurar.

Aprecie o sufoco que é estar vivo sendo rasgado diariamente por meros desconhecidos, admire a beleza que é participar dos estragos, seja o vulcão mais bonito com o calor potente que destrói tudo.

A catástrofe mais bonita que uma ranhura é capaz de ser.











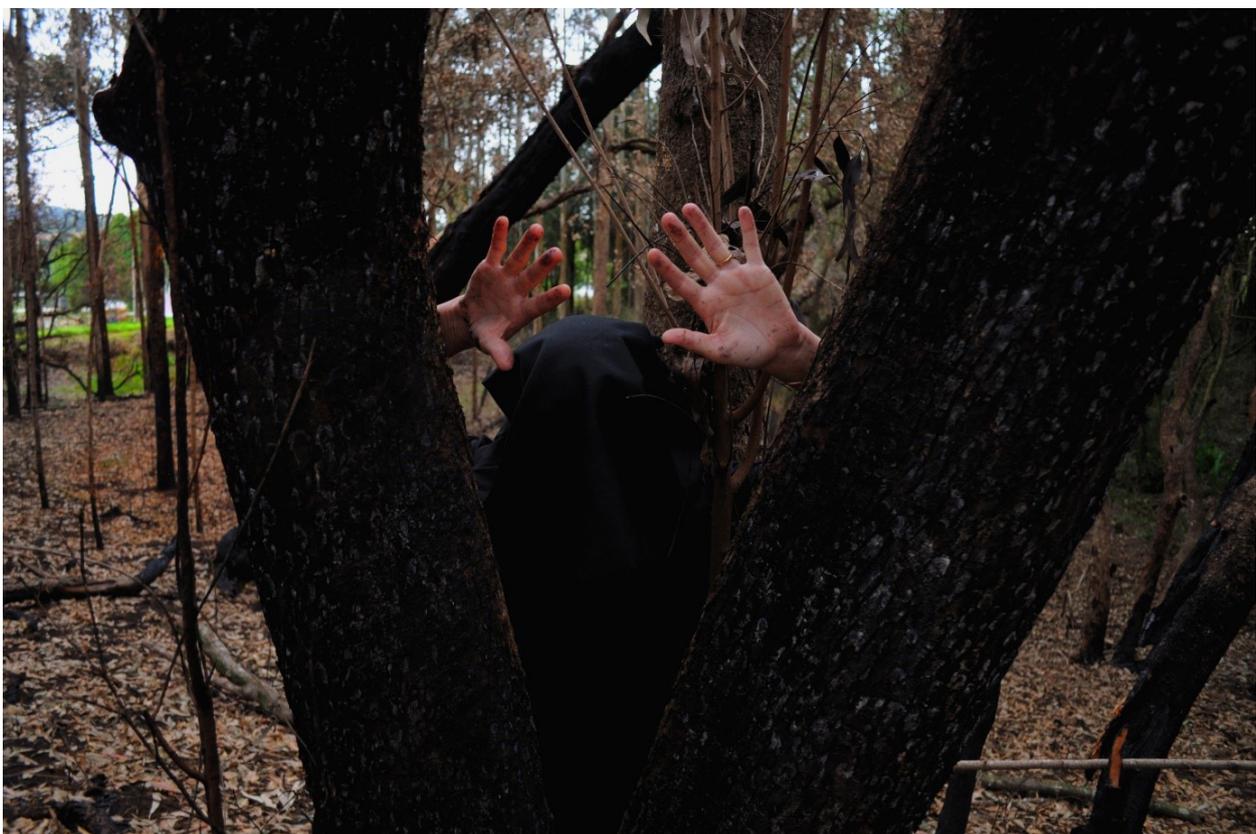






Fig. 1 a 8: Humanoide 1. Humanoide 2. Humanoides 1. Humanoides 2. Humanoide 3.  
Humanoide 4. Humanoides 4. Humanoide 5, 2019, Fotografia.

## Referências

LÊ BRETON, D. 1953- *A sociologia do corpo* / David Lê Breton; 2. ed. tradução de Sônia M.S. Fuhrmann. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

KATZ, H; GREINER, C. A Natureza Cultural do Corpo. In: *Lições de Dança 3*. SOTER, Silvia & PEREIRA, Roberto (org.): pág. 77-98. UniverCidade Ed., Rio de Janeiro, 2002.

Submetido em: 30/10/2019

Aceito em: 11/03/2020

Felipe Rodrigo Caldas, Maria Fernanda Mioranza  
dos Santos, Caio Eduardo Kulkamp de Paula